

Espaços Colaterais Collateral Spaces

A arquitetura se tornou uma prática essencialmente reativa e o arquiteto um reacionário profissional. Uma excursão rápida pela paisagem atual (publicações, encontros, sites, exposições e a própria cidade) pode ser uma experiência aterradoramente útil para a compreensão da escritura arquitetônica do presente. Sub-aproveitados na cadeia da indústria da construção, excluídos da agenda cultural e distanciados dos desafios reais das cidades brasileiras, os arquitetos contemporâneos agem como técnicos obedientes, pragmaticamente treinados em escolas incapazes de vislumbrar modelos alternativos de ação no mundo. E a arquitetura subsiste como uma profissão refém de arcaicas tipologias disciplinares, clientes conservadores, interesses excusos e utopias privadas. Sustentada pelo espólio de um passado glorioso e pela frivolidade das celebridades instantâneas. Mas pode ser que os arquitetos se identifiquem sinceramente com as estruturas e as demandas da sociedade e aceitem o papel secundário que lhes cabe na agenda política e cultural contemporânea. Ou talvez tenham sido sempre assim e tenhamos nos iludido com os personagens heróicos e com o ímpeto revolucionário de um modernismo ainda fresco. E, apesar das particularidades sociais, tecnológicas, geopolíticas e ecológicas do presente, emulamos inofensivamente o repertório formal das vanguardas históricas e seus desdobramentos

Architecture became an essentially reactive practice and the architect a professional reactionary. A quick excursion into the current landscape (publications, meetings, sites, exhibitions and the city itself) can be a terrifyingly useful experience for the understanding of the present architecture. Underutilized in the construction industry, excluded of the cultural agenda and ignoring the real challenges of Brazilian cities, contemporary architects imitate obedient technicians trained in schools that are incapable of glimpse alternative models of action in the world. Current architecture plays as a professional hostage of archaic typologies, conservative customers, doubtful interests and private utopias. Supported by the heritage of a glorious past and by the frivolity of the instantaneous celebrities. But perhaps the architects sincerely agree with the structures and the demands of the society and accept their secondary role in the contemporary political and cultural agenda. Or perhaps it has always been like this and we have been deluded by the heroic characters and the revolutionary impulse of a fresh modernism. And, in spite of the social, technological, geopolitical and ecological peculiarities of the present, we spontaneously and harmlessly emulate the formal repertoire of the historical vanguards and its late tropical ramifications as we discard prospective intentions of

tropicalis tardios com a mesma naturalidade com que descartamos Intenções prospectivas de novas formas para a vida.

A aderência aos "ismos" foi sempre mais sedutora e fácil que a tarefa espessa de entendimento das condições em que são cultivados. Além disso, para o desenho atual, o modernismo é uma agenda bastante versátil e com ótimo custo-benefício, descreditando quaisquer incursões a territórios ainda não demarcados de um presente indeterminado política e esteticamente.

Um consenso que evita a compreensão crítica da arquitetura moderna como um projeto político engenhoso, cooptando-a simplesmente como um repertório formal inofensivo. Um jogo de elisão do tempo que, no entanto, não oculta a sintomática insignificância atual de uma prática que, quando ainda imersa no imaginário de oposição dualista moderno - "arquitetura ou revolução" - se propôs ao agenciamento planejado da vida cotidiana nos seus diversos âmbitos. E se esse projeto moderno de convergência, dos campos criativos e sua mediação com o setor industrial (eternizado na pedagogia da Bauhaus), segue incompleto e aguardando atualização, suas fraturas explicitam ainda hoje a crônica incapacidade dos arquitetos, de transformarem, autonomamente, suas ideias em espaços concretos. Resta, pois, a condição duvidosa de "resolvedores de problemas" autorais, respondendo passivamente a programas políticos, econômicos e domésticos alheios. Ou a reinvenção da própria noção de arquitetura e seu lugar no mundo contemporâneo, a partir da observação aguda do

new life forms.

The adherence to the "isms" was always easier and more seductive than the thick task of understanding the conditions in which they are cultivated. Besides, for the current design, modernism is a quite versatile agenda and with the best cost-benefit, which discards any raids to unknown territories of a politically and aesthetically uncertain present. This consensus avoids the critical understanding of modern architecture as an ingenious political project, and co-opts it simply as a formal harmless repertoire. But the play of elision of time could not hide its symptomatic current insignificance of a practice, which once still immersed in the modern oppositional imaginary based on "architecture or revolution", intended to a planned negating of the daily life in its several extents.

And if this modern project of convergence of the creative fields, and its mediation with the industrial sector (made eternal in the pedagogy of the Bauhaus) is still incomplete and waiting for updating, its fractures explain today the architects chronic incapability of turning, with autonomy, their ideas into concrete spaces.

Therefore, the doubtful condition of authorial "problems solvers" remains, which responds passively to external political, economical and domestic programs, or we can try reinvent the very notion of architecture and its place in the contemporary world, from the sharp observation of the present and from the construction of autonomous models of real action.

But it is no longer universal and totalitarian models, corporative agendas, illusory programs and utopian com-

presente e da construção de modelos autônomos de ação dentro do real.

Mas não mais através de modelos corporativos e totalizantes, agendas coletivas utópicas ou convênções de condomínio. Pois este já é o mundo que herdamos e que nos abarca cotidianamente. Essa monocultura desoladora, acúmulo extensivo de arquiteturas indiferentes aos arqui-tetos e que pateticamente ainda não aprendemos a habitar.

Uma arquitetura que não é, portanto, um projeto coletivo ou ideológico de todos os arquitetos, urbanistas e simpáticos, mas uma proposição pessoal e uma escolha de posicionamento subjetivo dentro da realidade particularmente percebida e vivida. Porque afinal, enquanto perduram os estereótipos que nos permitem diagnósticos generalizantes, também emergem cotidianamente muitas outras arquiteturas possíveis, invisíveis aos olhos nus, libertadas da inércia tectônica e da versão idealista e teológica de modernidade. Práticas colaterais, que modelam micro-universos viáveis, negociam os limites disciplinares e expandem a sua rede social de alcance. Espaços colaterais que engendram imaginários políticos e constroem possibilidades de coexistência.

Espaços que descendem e habitam a mesma modernidade da qual são perpetuamente excluídos. Que são as consequências sensíveis do abstrato projeto moderno ao mesmo tempo em que operações reais no interior de suas estruturas remanescentes. Relações das relações entre sujeitos e ambiente.

Espaços que são campos de escolhas

munities. This is already the world we inherit and that involves us every day. This monoculture, this extensive accumulation of architectures that ironically still have not learned to live in. This re-invention is not a collective or ideological project of all architects, urban designers and sympathizers, but a personal proposition and a choice of a place inside the reality perceived and uniquely experienced. Because, while there are stereotypes that still allow us to make general diagnostics, there are also many other possible, invisible architectures, free from the tectonic inertia and from the idealistic and teleological version of modernity. Collateral practices model viable micro-universes, negotiate the disciplinary limits and expand their social reach. Collateral spaces that create political imaginaries and build means of coexistence.

Spaces that come from and live in the same modernity they are perpetually excluded. That are the sensitive consequences of the abstract modern project and at the same time real operations in the interior of its remaining structures; the re-designs of the relations between subjects and environment.

Spaces that are fields of tactical choices and intimate projects of modernity, permeable to the obvious possibilities of everyday life.

Spaces are initiatives consolidated in the present observation of the close proximity, developed prospectively and unfolded in concrete actions.

Spaces that are unprecedented co-laboratories of the cross convergence of several formal agents, environmental thinking, aesthetic regimes and

táticas e projetos íntimos de modernidade, permeáveis às possibilidades óbvias de habitar o cotidiano.

Espaços que são iniciativas deliberadas, sedimentadas na observação do presente e do próximo, desenvolvidos prospectivamente e desdobrados em ações concretas.

Espaços que são co-laboratórios sem precedentes da convergência transversal de diversos agentes formais, saberes ambientais, regimes estéticos e práticas empreendedoras (professores, pesquisadores, "ongueiros", empresários, artistas, arquitetos, designers, engenheiros, ecólogos, geógrafos, produtores culturais, etc).

Espaços que naturalizam a transposição da contemplação em uso reinvidicada pela arte contemporânea, ao mesmo tempo em que tornam habituais seus experimentos transitórios e "museificados" em uma pedagogia da rotina tipicamente arquitetônica. Afinal o que são os eco-sistemas relacionais, essas micro-comunidades e coletividades instantâneas administrados pelos artistas se não arquiteturas fora da arquitetura?

Espaços que são empreendimentos colaborativos "armados" como incorporações solidárias, produções autônomas e não solicitadas. Custam para realizar e manter, requerem planos de negócios eficazes, estratégias pragmáticas e a generosidade de terceiros.

Espaços que são resultado de muito trabalho e provavelmente algum ócio, apesar da dificuldade de discernir a proporção exata.

Espaços que subvertem a lógica mercantil dominante investindo nas potencialidades de infiltração das marcas ou produtos na vida cotidiana,

enterprising practices, such as teachers, investigators, NGOs, businessmen, artists, architects, designers, engineers, ecologists, geographers, cultural producers, etc.

Spaces that naturalize the transposition of the contemplation in use claimed by the contemporary art, at the same time that makes its transitory experiments and "museum-like pieces" usual through a typically architectural pedagogy routine. At last what are the relational eco-systems, these micro-communities and instant collectives managed by the artists if not architectures outside architecture?

Spaces that are collaborative enterprises "armed" as supportive incorporation, autonomous and unsolicited productions. They are costly to carry out and to maintain and require efficient business plans, pragmatic strategies and the generosity of people.

Spaces that are the result of much work and probably some leisure, but the right proportion is difficult to measure.

Spaces that subvert the dominant mercantilism, and therefore invest in the potentialities of infiltration of brands and products into the daily life, into the market and into the social nets of consumption.

Spaces that are protocols of access to new experiences of hyper-local and of neighborhoods, approaching strangers and making unpredictable relations possible.

Spaces that have no scale, simply because they are not limited to the restrictions of the plans, maps and drawings and because they are in human scale; or because they are immaterial.

no mercado e nas redes sociais de consumo.

Espaços que são protocolos de acesso a experiências de hiper-localidade e de vizinhança inéditas, aproximando desconhecidos e catalizando relações imprevisíveis.

Espaços que não têm escala, simplesmente porque não estão, presos às restrições dos planos, mapas e desenhos e porque estão em escala humana. Ou são imateriais.

Espaços de protagonistas diversos, autoria compartilhada e flexível, onde se confundem colaboradores, sócios, convidados, produtores, participantes, habitantes, curiosos, testemunhas, espectadores, destinatários, usuários, passantes, consumidores, vizinhos.

Espaços que não têm proprietário porque não se trata de propriedade particular mas de interesse público. Essa categoria indefinida, difícil de cartografar, intrinsecamente informal e que não está dada a priori mas que sempre reconhecemos como tal.

Espaços que problematizam a conflituosa geografia contemporânea entre o público e o privado, dissolvendo temporariamente os seus limites, denunciando a precariedade das fronteiras e a volatilidade política das barreiras.

Espaços que nascem pontuais mas são racionais sistêmicos. E, uma vez que emergem de e por entre estruturas genéricas (e provavelmente globais), estão sempre à espreita da próxima oportunidade.

Espaços que estão por toda parte e em cada agenda pessoal.

Wellington Cangado

Spaces of different protagonists, and of shared and flexible authorship, where the role of collaborators, partners, guests, producers, participants, inhabitants, witnesses, audience, addresses, users, passer-bys, consumers and neighbors get confused.

Spaces that have no ownership because they are not private property but spaces of public interest.

This undefined category, hard to map, intrinsically informal and that is not given a priori but that we always recognize as such.

Spaces that create problems to the already conflicting contemporary geography between the public and the private, temporarily dissolving their limits, denouncing the fragility of frontiers and the political volatility of the barriers.

Spaces that are punctually born but that are systemic thoughts, as soon as they emerge of and between generic (and probably global) structures, they are always expecting the next opportunity.

Spaces that are everywhere, and in each personal agenda.

Wellington Cangado

